

QUEM EXOTIZA QUEM? BASTIDORES METODOLÓGICOS DO ENCONTRO DE UMA ANTROPÓLOGA E UM GRUPO DE DOULAS

Soraya Fleischer¹

Resumo

A forma como a presença do(a) antropólogo(a) é construída coletivamente no campo define, em grande medida, o perfil dos dados que recolhe. Esse ensaio parte da relação estabelecida entre a pesquisadora e um grupo de 25 doulas durante seu curso de formação. Doulas são mulheres que oferecem apoio físico e emocional a parturientes antes, durante e depois do trabalho de parto. Aqui, pretendo apresentar e discutir alguns momentos desse curso em que o fato de haver uma antropóloga no grupo provocou experiências e sentimentos complexos de alteridade, permitindo pensar sobre os processos de exotização que acontecem de ambas as partes. É possível que estas reflexões iniciais possam ser úteis, como contraponto comparativo, a outros antropólogos enfrentando os dilemas de aceitação, inserção e trânsito no campo.

Palavras-chave: Doula. Trabalho de campo. Exotização.

WHO EXOTICIZES WHO? METHODOLOGICAL BACKSTAGE OF A GATHERING BETWEEN AN ANTHROPOLOGIST AND A GROUP OF DOULAS

Abstract

The way in which the presence of the anthropologist is collectively constructed in the field defines, to a great extent, the profile of the data s/he collects. This essay is based on the relationship established between the researcher and a group of 25 doulas during their formation course. Doulas are women that provide physical and emotional support to pregnant women before, during and after labor. In this paper, we intend to present and discuss some

¹ Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse ensaio muito se beneficiou do intenso diálogo que travei com as antropólogas e amigas Alinne Bonetti e Mônica Nogueira. Aproveito para agradecer suas valiosas “críticas afetivas” e lembrar que sou a única responsável pelas possíveis inconsistências aqui encontradas. As citações em inglês foram livremente traduzidas por mim para o português. Contato: soraya_fleischer@yahoo.com.br.

situations that happened along this course in which the fact of having an anthropologist in the group aroused complex experiences and feelings of alterity. This perception led us to think about the exoticization that took place on both sides. Possibly, these initial reflections may be useful as a comparative counterpoint to other anthropologists facing the dilemmas of acceptance, insertion and transit in the field.

Keywords: Doula. Fieldwork. Exotization.

“Escrever vulneravelmente é abrir a caixa de Pandora. Quem pode dizer o que vai sair voando lá de dentro? (...) À medida que escrevia, a etnógrafa em mim queria saber: Quem é essa mulher que está escrevendo sobre os outros, tornando os outros vulneráveis? O que ela quer dos outros? O que os outros querem dela? A feminista dentro de mim queria saber: Que tipo de satisfação ela alcança – ou não – do poder que ela tem? A escritora dentro de mim queria saber: O que, enquanto ela circula frivolamente sobre o privilégio de fazer pesquisa, é a história que ela não está disposta a contar?”
(Ruth Behar, *Vulnerable other*)

Muito já se tem discutido sobre a forma como a presença do(a) antropólogo(a) é construída coletivamente no campo e, a partir daí, como define em grande medida o perfil dos dados que são recolhidos. Esse ensaio parte da relação que foi estabelecida entre a pesquisadora e um grupo de 25 doulas durante seu curso de formação. Primeiro, pretendo apresentar e discutir alguns momentos desse curso em que o fato de haver uma antropóloga no grupo provocou experiências e sentimentos complexos e inesperados de alteridade para, num segundo momento, pensar sobre os processos de exotização que acontecem de ambas as partes.

1 Notas preliminares

A primeira vez que ouvi falar em *doulas* foi em um artigo que li, por acaso, na Internet, que contava experiências dessas mulheres em um país na África. Eu estava “garimpando” informações, textos, documentos sobre parteiras tradicionais para começar a

preparar o meu projeto de pesquisa de doutorado.² Nunca tinha visto essa estranha palavra e só superficialmente entendi o que as doulas fazem. Elas não eram exatamente o foco de minha pesquisa, mas a curiosidade sobre as doulas permaneceu. O segundo encontro com o termo já foi cara a cara com uma doula, em um evento feminista. Heloísa³, a palestrante no evento, explicou que a palavra tem origem grega e significa “uma mulher que serve e apóia outra”. Explicou que uma mulher que acompanha uma parturiente antes, durante e depois do trabalho de parto é denominada como doula, essa relativamente nova personagem no cenário do nascimento.⁴ Depois, ela informou que aconteceria, em breve, um curso de formação de novas doulas.

Nessa época, eu já tinha iniciado minha pesquisa sobre as parteiras, pelo menos no nível bibliográfico. Mas, de forma contextual, também me interessava pelo campo político mais amplo da gravidez, do parto e da atenção primária de saúde no Brasil. As doulas compõem o vasto leque de atores, ações e pleitos que configura o movimento de humanização do parto no Brasil.⁵ Por isso, me pareceu interessante deixar minha curiosidade pelas doulas seguir seu rumo.

Durante a palestra de Heloísa, percebo que já assumi uma postura como pesquisadora: anotei algumas idéias-chave, fiz perguntas, observei comportamentos, depoimentos e reações recorrentes etc. Ao final, me apresentei a ela como “uma antropóloga fazendo um doutorado sobre parteiras tradicionais”. Rapidamente, Heloísa percebeu a conexão de nossos trabalhos e, com isso, lhe perguntei se poderia acompanhar o curso de formação que ela organizava para o próximo mês. Duas semanas antes do curso, eu lhe mandei um e-mail, sugerindo um perfil para meu protagonismo durante o mesmo: “Eu gostaria de saber se eu poderia participar deste curso como observadora (e não como participante ou doula). Assim, eu apenas realizaria o que chamamos na Antropologia de “observação participante”: observar as atividades, o processo de socialização destas candidatas a doulas, compreender como a capacitação de doulas se insere no movimento de humanização etc. Eu apresentaria os objetivos da minha pesquisa, para que todas saibam a razão de minha presença e, em seguida, sentaria num canto para apenas observar o evento”. Hoje, percebo que, neste e-mail, ao enfatizar mais o lado da “observação” do que o lado da “participação”, já ficam claras duas de minhas atitudes. Primeiro, minha intenção era não “atrapalhar” um evento em que o foco principal eram as

² Alguns resultados mais recentes da pesquisa de doutorado podem ser encontrados em Fleischer (2006).

³ Todos os nomes e referências diretas são pseudônimos por motivos de privacidade.

⁴ Para uma pequena etnografia sobre o trabalho como doula, ver Fleischer (2005). Para uma ampla descrição do trabalho das doulas, ver Teixeira (2003).

⁵ Para uma etnografia recente sobre esse movimento, ver Torquinst (2004).

aspirantes a doulas. Segundo, creio que essa atitude revela uma ansiedade ética em tornar o papel da antropóloga e da pesquisa mais claros para minhas interlocutoras.

Heloísa respondeu dois dias depois, dizendo que a princípio eu poderia participar, mas que ela deveria consultar as outras cinco pessoas envolvidas na organização do curso. Um dia antes do curso, Heloísa me ligou para informar que minha participação fora aceita consensualmente, mas com duas condições. Primeiro, era necessário apresentar um documento atestando minha filiação institucional. Segundo, *observar* não seria uma postura aconselhável durante as *vivências*, que, segundo Heloísa, são atividades que contam com *uma maior entrega, intimidade e cumplicidade entre as participantes*. Eu deveria participar das vivências ou me abster do recinto no momento que acontecessem. Optei pela primeira alternativa. Ela sugeriu que eu vestisse roupas confortáveis, eu agradei a oportunidade e nos despedimos.

Os comentários seguintes pretendem refletir sobre como a minha presença, como uma antropóloga branca, classe média, jovem e júnior, foi recebida e elaborada ao longo desse curso de quatro dias oferecido para mulheres que desejavam se tornar doulas profissionais ou voluntárias no parto domiciliar ou hospitalar. Acredito que a inserção e presença no campo influenciam fortemente o perfil das informações que são apreendidas pelo(a) pesquisador(a).

Uma forma para analisar a aquisição de dados é focar na definição do status e no papel de acompanhante do pesquisador em meio às pessoas que está estudando. Nós propomos que o papel do pesquisador vá, em grande medida, estruturar o acesso ao campo e ao conhecimento da realidade social em questão (ALTORKI e EL-SOLH, 1988, p. 11).

Essa é uma tendência que vem se consolidando nas últimas décadas da Antropologia, especialmente em suas vertentes crítica, feminista, terceiro-mundista, nativa, pós-moderna etc. Assim, falar do *estar em campo* revela o próprio campo e gera reverberações teóricas e metodológicas. Não se trata de uma digressão autobiográfica, como pode aparentar à primeira vista. De outra perspectiva, quero pensar como a empatia entre pesquisadora e pesquisadas é elaborada e como influencia, define e direciona os rumos da pesquisa. Escolhi apresentar e discutir alguns dos momentos em que o fato de haver uma antropóloga neste grupo de 25 doulas, provocou experiências e sentimentos complexos de alteridade. A frequência e intensidade com que esses momentos se sucederam foi o que me motivou a registrar e refletir sobre os mesmos nesse pequeno ensaio. Acredito que essas reflexões iniciais possam ser úteis, como contraponto comparativo, a outros antropólogos enfrentando os dilemas de aceitação, inserção e trânsito no campo.

2. Notas etnográficas

Na rodada de apresentações, no início do primeiro dia do curso, observei que o perfil do público era bastante diverso, em termos de ocupação, idade e perfil sócio-econômico. Havia donas de casa, profissionais (enfermeiras obstétricas, fisioterapeuta, veterinária, professoras de ioga e shantala, empresária, contadora e bancária), meia dúzia de estudantes de graduação (em Psicologia e Fisioterapia) e algumas voluntárias de hospitais e ONGs voltadas à saúde feminina. A maioria morava na cidade do curso, mas algumas vieram da região metropolitana. Quando chegou a minha vez no círculo, falei de meu doutorado, do foco da pesquisa nas parteiras e no movimento de humanização do parto e de minha intenção em conhecer e observar esse grupo de doulas durante o curso.

A primeira atividade, após as apresentações, foi uma *vivência*. O objetivo era imaginar, de olhos fechados, uma cena que provocasse um sentimento de felicidade. Depois, cada uma deveria comentar sua experiência com o grupo. Algumas alunas lembraram do momento em que estavam grávidas ou em que tiveram seus filhos e as professoras explicaram que desejavam, justamente, criar um nexo entre *felicidade* e *parto*. Margarida, que conduziria a maior parte das *vivências* ao longo do curso, antes mesmo de compartilhar o que ela própria havia imaginado, disparou: “Eu não gosto de ser observada”. Pelo que entendi, ela se remetia a minha presença. Um primeiro recado tinha sido dado.

Em seguida, Margarida passou pra frente da sala para dar uma palestra sobre a necessidade de se *resgatar o feminino* para o trabalho das doulas. Antes de começar, ela disse: “Eu vou falar sobre o que é o feminino e o masculino. Mas, como há uma antropóloga na sala, eu gostaria que ela me corrigisse se eu falar qualquer bobagem”. Esse comentário poderia sinalizar uma abertura para a troca de saberes. Havia, por parte de Margarida (que também poderia estar vocalizando a expectativa do grupo como um todo), uma certa curiosidade de conhecer minhas intenções naquele evento e de entender essa tal de “observação participante”, da qual tanto falamos na Antropologia. Mas havia também um tom de desafio já que eu quase nada havia dito e já estávamos – eu e a Antropologia – sendo colocadas numa certa berlinda. Talvez as imagens associadas ao fato de eu ser pesquisadora, representante da universidade e da pós-graduação causassem algum nível de constrangimento. O fato de eu não ter a experiência da maternidade e tampouco da *doulagem* talvez também levantasse suspeitas. Claro que eram reações de estranhamento, já que nosso *rapport* começava a ser desenvolvido naquela manhã. Mas o desconforto se dava principalmente em relação à minha profissão e não

à minha idade, cor de pele, naturalidade, sotaque, classe social etc., como é corriqueiro em tantos relatos de trabalhos de campo. “Claramente, uma diversidade de variáveis afeta o papel do pesquisador e, em decorrência, a aquisição dos dados” (ALTORKI e EL-SOLH, 1988, p. 11).⁶

Depois desta primeira palestra, o grupo fez uma pausa para um café. Eu circulava entre xícaras de chá e biscoitos de forma tímida e discreta. Para minha surpresa, o único homem presente se aproximou de mim. “Então, você é a antropóloga. Muito prazer e bem vinda, eu sou Ênio”. “Sim, eu sei. Já encontrei muitos de seus textos nos sites de humanização do parto”, respondi. Médico, vanguardista e entusiasta da humanização do parto no país, Ênio gozava de ampla autoridade no grupo. Muitas ali já o conheciam e pareciam querer trocar idéias ou simplesmente se aproximar dele. Eu temia chamar ainda mais atenção pelo fato de ele vir conversar justamente comigo.

De pé, a um canto no saguão do lanche, ele prosseguiu; sua próxima pergunta foi sobre a hipótese de minha tese. Era uma forma bastante formal e intimidatória de iniciar um contato, pensei.

Acatei ao desafio e comentei rapidamente que, naquela fase inicial da pesquisa, os cursos de treinamento pareciam ter a intenção de “resgatar” as parteiras tradicionais de um isolamento social, geográfico e histórico para ocupar o lugar “privilegiado” de precursoras de um “proto-feminismo” e uma “proto-humanização” da obstetrícia (FLEISCHER, 2003 e 2004). Ele ouviu atentamente e passou, gradualmente, a testar meu capital social acadêmico. Perguntou se eu conhecia algumas antropólogas “famosas” do estado e a também antropóloga Robbie Davis-Floyd. Por sorte, eu carregava, ali na minha bolsa, uma de suas obras, considerada pelas doulas e por Ênio uma das “bíblias” do movimento de humanização do parto (DAVIS-FLOYD e SARGENT, 1997). Quis saber se eu já tinha lido outras pesquisadoras da área, como Jordan, Kitzinger e Trevathan (Cf. JORDAN, 1993; KITZINGER, 1978; e TREVATHAN, 1987). Ênio estabelecia os primeiros passos numa relação de confiança que não era baseada em minhas experiências pessoais como mãe ou gestante (como era um dos pré-requisitos idéias para as mulheres ali do curso se tornarem boas doulas), mas nos valores do mundo da ciência e da universidade (e.g. os contatos, os mestres, a bibliografia). Ele

⁶ Origem de classe e educação são variáveis que interagem significativamente com papéis de gênero e status nativo. [...] Há, além disso, outras interações possíveis com as seguintes variáveis: a idade, estado civil, afiliação religiosa e status étnico/minoritário do pesquisador; o foco e tema de pesquisa; a localização geográfica e a ecologia da comunidade pesquisada (rural, urbana, pastoral); o grau em que a segregação sexual pode ou não ser pervasiva na comunidade pesquisada; o nível de influência histórica do governo central; a prevalência das realidades políticas nacional e regional; e, finalmente, os atributos pessoais (ALTORKI e EL-SOLH, 1988, p. 11).

reproduzia a hierarquia e a meritocracia tão comuns às instituições. A pauta dessa conversa e de outras ao longo do curso oferece indícios de como ele percebia minha presença ali.

Terminado o lanche, voltamos para a roda de cadeiras. Enquanto encontrávamos nossos lugares, Margarida caminhou até mim e disse discretamente, “Não pense que você vai participar do curso de graça. Queremos, depois, saber tudo que você pensou e escreveu aí nesse seu caderno. Gostaríamos muito de saber sua opinião e impressões. Como você sabe, nosso movimento está só começando e toda sugestão é bem vinda”.⁷ Eu nada disse, apenas esbocei um sorriso surpreso e amarelo. A princípio, essa colocação pareceu-me uma intimidação. Mas, ao longo do curso, fui observando que esse movimento social estava em um franco processo de maturação, dada a juventude de suas atividades e organização. Penso que talvez se sentissem, nesse momento, ideologicamente vulneráveis. O fato de haver uma “observadora externa” só explicitava – muito mais para elas do que para mim – essa fragilidade. Porém, nessa frase de Margarida, percebo que a antropóloga pode ser reconhecida como uma interlocutora legítima. Foi-se, há muito, o tempo em que passávamos ilesos e invisíveis pelo campo. Ou que, pelo menos, acreditávamos que assim passávamos. Nosso conhecimento e presença são testados, questionados e negociados, e também, é preciso notar, podem ser valorizados, escutados e incorporados.

Estávamos prontas para a próxima atividade, a palestra do *Doutor Ênio*, que era reverenciado por todas ali. Ele começou a palestra com a seguinte frase, “Essa palestra será sobre a antropologia do parto. Mesmo sabendo que há uma antropóloga na platéia, sei que posso falar bobagens, mas eu não estou nem aí”. Será que Ênio comunicava uma auto-suficiência? Será que zombava de minha presença? Ou será que, justamente porque havia dado indícios de uma relação de confiança comigo, ele se sentia à vontade para usar esse tom jocoso?⁸

Em sua palestra, Ênio foi generoso no uso das *evidências científicas* das áreas médica, filosófica e antropológica. Vários antropólogos foram citados a fim de reforçar idéias, legitimar teorias, oferecer ilustrações etnográficas. Para além de minha presença ali, pude

⁷ Há, em geral, uma grande curiosidade pelo que tanto escrevemos em nossos cadernos. Lembro de uma passagem de Christine Obbo (1990, p. 294-295), fazendo pesquisa no interior da Uganda: “Como estrangeira em Wabigalo-Namuwongo, alegando estar estudando as atividades das pessoas, eu era objeto de suspeita. [...] Os dois chefes Wabigalo-Namuwongo, policiais e outros agentes públicos freqüentemente me visitavam para perguntar sobre o que eu estava escrevendo e o que eu tinha descoberto. [...] Tive sorte pois o chefe mais curioso sobre meus achados e que sempre esticava o olho sobre minhas notas de campo não sabia ler. Depois que descobri sua fraqueza, eu me dava ao luxo de não mais esconder minhas notas e, assim, não mais provocar sua curiosidade”.

⁸ Como Radcliffe-Brown (1973) nos mostrou nos casos em que a jocosidade desempenha papel importante e revelador das relações de parentesco.

perceber que a Antropologia consiste em um importante referencial teórico e ideológico, tanto para o movimento de humanização do parto quanto, mais especificamente, para esse movimento de doulas. Ficava claro como a Antropologia pode legitimar uma nova frente política ao subsidiá-la com dados, comparações e estatísticas. Mas, naquele contexto, mencionar o nome da disciplina era também manter o foco na minha direção. Enquanto o grupo de 25 mulheres era referido como “as doulas”, eu sobressaía como “a antropóloga”.

Eu evitei emitir opiniões durante as palestras que se seguiram nos próximos dias. O desconforto havia se invertido: eu estava sendo mais observada do que observando. Eu queria, como coloquei na carta para Heloísa, tornar-me uma presença discreta. Mas, pelo contrário, minha presença foi amplamente notada e comentada. Creio que destoava do grupo, em resumo, por três motivos: a) Ao contrário da Biologia ou da Medicina, a Antropologia não é uma área que comumente encontramos nos eventos sobre ginecologia e obstetrícia; b) Eu não era mãe e nem tinha experiências pessoais e/ou próximas com o parto; c) Eu não pretendia tornar-me doula. Notei que minha “estrangeiridade” foi se acumulando no decorrer do primeiro contato e tentei, sempre que pude, reverter ou, pelo menos, atenuar esse quadro, me colocando de forma solícita, desarmada, cúmplice e participativa para contrabalançar essa superexposição. Tentei evitar posições que pudessem ser lidas como arrogantes. Meu intuito, a todo custo e à medida do possível, era me camuflar no grupo. Hoje noto, portanto, que eu tentava me tornar mais familiar, mais palatável àquelas mulheres.

Percebi que essa estratégia surtiu algum efeito. Sem dúvida, eu tinha recebido um destaque muito maior do que esperava ou desejava. Mas, também ao contrário das minhas expectativas, não fui hostilizada pelas alunas por causa disso. Por exemplo, Diana, uma estudante de Fisioterapia, veio conversar comigo no intervalo seguinte. Ela disse que muito se interessava pela Antropologia e queria saber o que eu lhe sugeria para se aproximar dessa área. Eu passava a ser uma referência da área naquele cenário.⁹ No dia seguinte, outra participante do curso me disse que tinha notado a sandália esportiva de borracha e velcro que eu vinha usando naqueles dias. Ela contou que havia comprado um modelo idêntico para o filho adolescente, mas que ele não havia gostado. Ela, então, me ofereceu o sapato pela metade do preço, já que havia perdido a nota fiscal impossibilitando a troca. Durante o almoço conversei com uma terceira aluna do curso sobre sua profissão, família, filhos. No último dia, ela levou a foto da filha, como havia me prometido fazer. Outra participante

⁹ Assim como Schuch (2003) que, trabalhando na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FEBEM, no caso do Rio Grande do Sul), passou a ser fonte de informações sobre bibliografia, professores, cursos de pós-graduação na Antropologia.

ouviu, de uma das colegas do curso, que eu tinha comentado sobre o desemprego de meu marido. No intervalo seguinte, ela me ofereceu o contato de uma amiga que trabalhava numa empresa de recursos humanos. São exemplos de alguns vínculos iniciais que fui travando, apesar dos estereótipos mútuos pelos quais começamos a conviver. A desconfiança e a integração foram inversamente proporcionais com o passar do tempo, como em geral e felizmente é o caso em qualquer trabalho de campo.

No último dia, Margarida conduziu mais uma *vivência*, antes da palestra de fechamento. Primeiro, ela nos mostrou um modelo, em tamanho real, do *assoalho pélvico*. Identificou cada parte desse conjunto de ossos, fundamental para que o parto seja um processo eficiente, rápido e belo.¹⁰ Depois, reduziu as luzes até uma penumbra, colocou uma música de relaxamento e pediu que levantássemos das cadeiras, permanecêssemos de pé e fechássemos bem os olhos. Ela pediu, então, que localizássemos os três ossos do *assoalho pélvico* no nosso próprio corpo. Devíamos nos tocar, apalpar e movimentar para sentir como e onde estão esses ossos. Ela nos orientava: “Vocês devem rebolar, mexer os quadris, tocar o corpo. É preciso que vocês se desloquem do mental para o corporal. Deixem o visual, que tanto tem conexão com o racional. Para isso, mantenham os olhos bem fechados. Esqueçam os cadernos e livros. Concentrem nos seus corpos, principalmente na parte sul do corpo. Não quero ver joelhos duros, então, mexam o corpo como não fazemos normalmente. Quero que vocês sintam o corpo de forma interiorizada e profunda”.

Depois, Margarida pediu que deitássemos nos colchonetes que haviam sido espalhados pelo chão da espaçosa sala. Ainda com a música *new age* ao fundo, deveríamos relaxar e concentrar na própria respiração. Em seguida, o foco se deslocou para a vagina, o ânus, o períneo, os dois esfíncteres, o canal vaginal e, claro, o *assoalho pélvico*. A professora nos orientava: “Contraíam e soltem os músculos da vagina e do reto. Sintam como se uma mão apertasse e soltasse esses músculos. Experimentem soltar um por um dos anéis do canal vaginal, como se soltássemos um dedo por vez da mão. Sintam o coração batendo e continuem relaxando e respirando”. Ao final da atividade, como das vezes anteriores, Margarida ligou a luz, abaixou a música e pediu que nos sentássemos para compartilhar as experiências vividas.

Como sempre, eu não tinha qualquer urgência em falar. Eu queria ouvir. Algumas das futuras doulas falaram que sentiram orgasmos, comichões, formigamentos, quenturas. E, em um momento de silêncio, Margarida se dirigiu a mim: “E você aí, o que sentiu?”. Minha

¹⁰ Esta idéia de “belo parto” foi mais extensamente desenvolvida por Fonseca (s/d).

presença era sempre notada, por mais que eu me mantivesse em um silêncio respeitoso. Observar não era suficiente, esperavam que eu participasse, mas não de forma trivial. Esperavam algo “especial”, condizente com minha origem como especialista da academia. Respondi: “Senti muita dificuldade em encontrar e sentir esse tal de *assoalho pélvico*, do qual eu nunca tinha ouvido falar. Tenho uns pneuzinhos aqui na parte de trás das costas e, por isso, foi difícil sentir onde está essa parte mais pontiaguda do osso. Mas foi bem legal me ver a partir desse conjunto de ossos. Nunca tinha imaginado meu *assoalho pélvico*. Na verdade, acho esse nome muito complicado e meio frio. Acabo por imaginar o fundo do meu ventre como que ladrilhado de cerâmicas lustrosas”. Para minha surpresa, o grupo explodiu em risadas contagiantes. Minha intenção não foi ser cômica, mas comunicar, com metáforas visuais, como eu tinha experimentado a *vivência*. Margarida também riu. Minha espontaneidade e cumplicidade foram bem aceitas, eu finalmente consegui me fazer comunicar com estas mulheres e recebi, em contrapartida, maior acolhimento do grupo.¹¹

Depois, Margarida disse, “De fato, Soraya, o nome é frio. Há uma parteira no México que chama essa região do ventre de ‘fruto do amor’, muito mais bonito, né? Podemos pensar em algo mais bonito pra Soraya, algo mais caloroso e suculento. O que vocês, doulas, acham disso? Vamos pensar”. Poucos segundos se passaram até que Margarida reagisse animada, “Que tal manga, manga rosa? Alguém sabe aquela música que tem um trecho que fala da ‘manga rosa’?”. Imediatamente, todas começaram a cantar e Margarida incentivou que todas se levantassem e as puxou pelas mãos para o centro da sala. Abraçadas pela cintura, as 25 mulheres dançaram e cantaram em uníssono¹². Eu observava, fascinada pela proximidade e alegria que haviam se desenvolvido ao longo daqueles quatro dias. Depois, Margarida arrematou: “Como diz a doula Heloísa, quando a gente solta aqui [e apontava para a boca],

¹¹ Alinne Bonetti me contou uma de suas situações de campo para me ilustrar como a participação ativa da antropóloga pode servir à aproximação com o grupo: “[Lendo esse artigo,] me lembrei de uma situação de campo vivida recentemente. Era uma atividade que a Coordenadoria da Mulher da prefeitura local estava fazendo com um grupo de mulheres, moradoras de um bairro da periferia da cidade, sobre menopausa e funcionamento do corpo feminino. No início, uma das palestrantes pediu que o grupo se apresentasse e dissesse qual tinha sido o período mais feliz da sua vida. O grupo estava meio travado, uma das participantes falou e se seguiu um silêncio. Eu me arrisquei, dizendo que fora aos 18 anos quando saí da casa dos meus pais e ganhara o mundo. Fui meio impulsiva, mas acho que ajudou a me acolherem no grupo. Depois as outras foram falando, mas relaxadamente. A maioria dos momentos felizes ali fora a experiência da maternidade. Lembrei desta situação porque sempre ficava calculando o que devia ou não dizer, e de como, em função disto, tornar a minha diferença mais palatável. Mas ultimamente tenho tido uma postura progressivamente diferente. Procuo ser mais participativa, sem apagar a minha especificidade, o que tem me surpreendido positivamente”.

¹² Aqui, relembrar a letra dessa música não só indica uma trilha sonora que poderia ter nos acompanhado durante todo o curso, mas também revela o tom colorido e sensorial que esse grupo de mulheres procurava criar: “Da manga rosa quero o gosto e o sumo/ Melão maduro, sapoti, joá/ Jabuticaba, teu olhar noturno/ Beijo travesso de umbu-cajá/ Pele macia, ai, carne de caju/ Saliva doce, doce mel, mel de urucu/ Linda morena, fruta de vez, temporana/ Caldo de cana-caiana, vem me desfrutar/ Morena tropicana, eu quero teu sabor” (música de Vicente Barreto e letra de Alceu Valença).

também solta lá [e apontava para a vagina]. Por isso, eu quero que todas vocês joguem a cabeça pra trás e soltem uma bela e gostosa gargalhada”. E foi um êxtase de risos.

Penso que Margarida, ao apelar para a fruta tropical como metáfora, visibilizava um processo de “humanização” da antropóloga: a partir daquele momento, eu deixava de ser identificada unicamente pela minha profissão e passava, por um lado, a estar mais próxima de todas ali pelo fato de também contar com um útero, um períneo, uma vagina e, por outro, contudo, eu não deixava de ter especificidade, afinal, *meu assoalho pélvico* era uma *manga rosa*. E ficava claro para mim como, no movimento de doulas (e possivelmente no movimento de humanização do parto), comunhão e individualidade são dois valores importantes, convivendo sem necessariamente serem contraditórios.

O círculo que dançava, cantava e ria se desfez e todas voltaram para suas cadeiras. Diana, aquela aluna de Fisioterapia, virou pra mim e disse assim: “Soraya, vem cá. Você teve dificuldade de sentir esses ossos? Vem cá que eu te ajudo a senti-los”. Ela me convidou pra deitar bem no meio da roda. Um arrepio de vergonha me subiu pela espinha. Mas não havia como negar o convite, tão cooperativo. Eu me deitei sobre um colchonete. Diana explicou que a melhor posição para sentir esse conjunto de ossos era ficar de lado e bem relaxada. Ela então começou a dar suaves golpes com os punhos fechados ao longo da lateral do meu corpo. Era uma sensação muito boa. Os soquinhos de fato ressoavam dentro de meu ventre e eu consegui sentir as dimensões e formatos dos ossos. Ela continuou por muito mais tempo, bem mais do que eu esperava. Mesmo de olhos fechados, eu sentia que várias mulheres observavam a sua prática, aprendendo à medida que ela ia explicando como e onde bater. Mas era preciso dar lugar para a próxima atividade. Só quando as luzes foram acesas e percebi que o médico Ênio já esperava para realizar sua palestra, eu me desvencilhei do carinhoso jugo desta mais nova doula.

No último dia, no momento do encerramento, houve uma avaliação individual do curso. As alunas elogiaram as professoras, as aulas, os vídeos, as *vivências*, as palestras, a atmosfera cooperativa e acolhedora e, sobretudo, admitiram que saíam dali mais confiantes para exercer seu trabalho e se juntar à luta pela positividade do parto e das mulheres. Na minha vez, eu tirei da mochila algumas mangas rosas bem graúdas e maduras. Dei uma fruta a cada uma das professoras, a começar pela Margarida. Ela começou a chorar e me abraçou. Depois, Heloísa colocou a música de Alceu Valença, o grupo fez um círculo de mãos dadas e me colocaram pra dançar bem no meio. Eu já não me sentia tão constrangida de ser o centro das atenções. Todas aquelas doulas estreitaram o círculo e me deram um “abraço-almôndega”. Eu ouvi declarações como, “Soraya, foi um presente pra nós ter uma antropóloga conosco”,

“Volte sempre”, “Não deixe de dar notícias”. Ao longo do curso, com meus depoimentos induzidos ou espontâneos, eu acabei me abrindo e elas, concomitantemente, fizeram o mesmo.

3. Notas finais

Então, penso que, por um lado e como era esperado, eu fui uma presença exótica que, de certa forma, perturbou e/ou alterou o equilíbrio do grupo, sobretudo nos primeiros dias do curso. Contudo, por outro lado, eu illustrei a “sensibilização”, que era justamente o processo pelo qual todas aquelas mulheres deveriam passar para se tornarem doulas. Eu fora um “modelo vivo” de duas formas. Primeiro, associada à “ciência”, as instrutoras explicitavam justamente o cânone hegemônico que o movimento de humanização do parto deseja continuamente relativizar. E, segundo, eu servira, de alguma forma, para demonstrar como essa transformação deveria acontecer. Interessante que de observadora, eu passei a observada. Nós, antropólogos, que nos (mal) acostumamos a chamar nossos “informantes” de *objetos*, somos desafiados profundamente quando o jogo se inverte e, de forma clara e assustadora, somos “objetificados”, como esse artigo ilustrou. Mônica Nogueira compartilhou comigo um *insight* interessante nesse sentido:

o seu artigo me fez pensar que há uma forte dialogia na observação participante e que os sentimentos experimentados por você de exposição, de estar sendo testada e ‘objetificada’ (no sentido foucaultiano: a antropóloga) parecem espelhar algo do que sentem os nossos interlocutores de campo. É como se operassem uma sorte de projeção da experiência de serem observados, agora, sobre o próprio antropólogo. Daí, porque às vezes te parecesse agressivo, de fato, deviam estar se sentindo acuados – tanto quanto você.¹³

E além da *exotização da antropóloga*, que foi particularmente evidente no início do meu contato com as doulas, creio ter havido também uma *auto-exotização pela antropóloga*. A exotização, realizada pelas minhas interlocutoras em questão, ilustra um processo típico e clássico da entrada, das negociações e das mútuas análises que acontecem no campo. Os dados mostram que a desconfiança inicial foi sendo substituída gradualmente por acolhimento e integração, como tende a acontecer com muitas outras experiências etnográficas. E a auto-exotização não só transpareceu com o estranhamento que finalmente admiti sentir em relação às doulas e ao movimento pela humanização do parto, como também revelou minha falta de

¹³ Trecho de e-mail pessoal enviado em 14/02/2005.

traquejo em lidar, por exemplo, com a curiosidade que minha profissão desperta; com os diversos discursos sobre a “universidade”; com as “imagens” que eu enuncio mesmo sem ter plena consciência de todas elas; com minhas reações sensoriais e emocionais; com minha condição de não ser mãe ainda; com demonstrações genuínas de afeto e amizade em contextos que fui treinada para acreditar que deveriam ser minimamente “objetivos”, “abstratos” e “neutros”; etc.

Assim, é possível pensar que a etnografia – e também, em parte, a socialização das doulas – aconteceu, literalmente, *via* antropóloga. Elas me mostraram como, pouco a pouco, se familiariza o exótico: elas em relação a mim, eu em relação a elas e, como mais uma lição para minha formação, eu em relação a mim mesma. Elas, que demonstraram querer saber o que é e como se realiza a Antropologia, me davam uma interessante aula de como exercer a minha profissão.

Referências

- ALTORKI, Soraya; EL-SOLH, Camille Fawzi. (ed.). *Arab Women in the Field: Studying our own society*. Syracuse: Syracuse University Press, 1988.
- BEHAR, Ruth. *Vulnerable observer: Anthropology that breaks your heart*. Boston: Beacon Press, 1996.
- DAVIS-FLOYD, Robbie; SARGENT, Carolyn F. (ed.) *Childbirth and authoritative knowledge: Cross-cultural perspectives*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- FLEISCHER, Soraya. A volta das parteiras. In: ANAIS Vª REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, Grupo de Trabalho “Corpo, Doença e Sexualidade. Florianópolis, 2003.
- _____, S. *O “resgate” das parteiras tradicionais: Um estudo comparativo dos projetos de capacitação de parteiras na Guatemala e no Brasil*. Projeto de pesquisa do doutorado, Porto Alegre, 2004. Mimeo.
- _____, S. Doulas como “amortecedores afetivos”: Notas etnográficas sobre uma nova acompanhante de parto. *Ciências Sociais - Unisinos*, São Leopoldo, v. 41, n. 1, p. 11-22, jan.-abr. 2005.
- _____, S. Parto para casa ou parto para hospital? O que parturientes e parteiras consideram sobre o lugar de parir em Melgaço, Pará. In: GROSSI, Miriam Pillar; SCHWADE, Elisete. *Política e cotidiano: Estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Blumenau: Nova Letra, 2006, p. 243-276.

- FONSECA, Claudia. Anatomia de uma maternidade: Pesquisadores, profissionais de saúde e pacientes num quadro hospitalar. Relatório de pesquisa, s/d. Mimeo.
- JORDAN, Brigitte. *Birth in four cultures*. A crosscultural investigation of childbirth in Yucatan, Holland, Sweden and the United States. Prospect Heights: Waveland Press, 1993.
- KITZINGER, Sheila. *Women as mothers: How they see themselves in different cultures*. New York: Schocken Books, 1978.
- OBBO, Christine. Adventures with fieldnotes. In: SANJEK, Roger. *Fieldnotes: The making of anthropology*. Ithaca: Cornell University Press, 1990.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- SCHUCH, Patrice. O estrangeiro em “campo”: Atritos e deslocamentos no trabalho antropológico. *Revista Antropológica*, Niterói, n. 14, 2003.
- TEIXEIRA, Maria de Lourdes da Silva. *A doula no parto: O papel da acompanhante de parto especialmente treinada para oferecer apoio contínuo físico e emocional à parturiente*. São Paulo: Ground, 2003.
- TORQUINST, Carmen Susana. *Parto e poder: O movimento pela humanização do parto no Brasil*. Florianópolis. 2004, 376 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- TREVATHAN, Wenda R. *Human birth: an evolutionary perspective*. New York: Aldine de Gruyter, 1987.

Recebido para publicação: 12/12/2005

Aceito para publicação: 04/12/2006